HVMANITAS

[Recensão a] FERREIRA, José Ribeiro - Mitos das origens — Rios e raízes

Autor(es): Leão, Delfim Ferreira

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27968>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_60_25

Accessed : 26-Apr-2023 06:34:49

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUMANITAS

Vol. LX

63-64): “Il socratismo dovette apparire a Platone come una fase minorennе della filosofia, che bisognava far crescere, uscire dalla minorità, avviare all’età adulta. Sono facilmente avvertibili nei dialoghi i segni di un distacco critico del discepolo verso il maestro, di un suo atteggiamento ironico, a volte persino di una crescente irritazione – segni attribuiti agli interlocutori di Socrate, che senza dubbio parlano a nome dell’autore, oppure alle frequenti ‘autocritiche’ fatte pronunciare dallo stesso personaggio ‘Socrate’. Accanto ad essi, vi sono poi le critiche esplicite, sul cui bersaglio i fruitori dei dialoghi non potevano certamente equivocare: esse colpiscono l’inconcludenza e persino la pericolosità di una pratica della confutazione senza sbocchi positivi, insomma l’incompiutezza di un’esperienza tanto cruciale quanto immatura”⁵. Tuttavia, è forse proprio in questa problematicità – a tratti sconfinante in una vera e propria paradossalità – che risiede il fascino di Socrate, la sua capacità di fungere da paradigma dell’intero pensiero occidentale.

ALESSANDRO STAVRU

FERREIRA, José Ribeiro, *Mitos das origens – Rios e raízes*, Coimbra, Coleção Fluir Perene, 2008, 143 pp. ISBN: 978-989-95751-0-3

É este o volume inaugural da coleção *Fluir Perene*, dirigida por José Ribeiro Ferreira, o autor do estudo agora publicado. Logo no “Prefácio” da obra, insiste-se na natureza didáctica deste pequeno livro, pensado, antes de mais, para servir de apoio às cadeiras de Mitologia e de Mitologia Greco-latina. De resto, Ribeiro Ferreira sublinha também, nesse mesmo ponto, que toda a coleção *Fluir Perene* se deverá reger por idênticos objectivos (pp. 5-6): “Acolherá ela não apenas trabalhos de investigação, mas também de criação, de poesia, traduções de obras gregas e latinas, breves reflexões, curtas apreciações de livros. Basta que apresentem ligação, ténue que seja, com a cultura greco-romana – a seiva que perene flui ou rio que não pára de correr, que nunca é o mesmo, mas a todos banha e alimenta.” Insiste-se, portanto, no carácter de grande divulgação que marcará os volumes a publicar, da mesma forma que se abre espaço para que os trabalhos sejam produzidos não apenas por académicos de carreira, mas igualmente por jovens investigadores ou artistas que só agora começam a ensaiar os primeiros passos no mundo da edição. Este aspecto constitui, aliás, uma das vertentes do projecto mais notórias e dignas de registo. Por outro lado, há ainda que ressaltar o facto de que, sendo embora moderadas as tiragens em papel, isso não impedirá a divulgação dos trabalhos a nível global, uma vez que a coleção é completada por um portal

⁵ M. Vegetti, *Quindici lezioni su Platone*, Torino, Einaudi, 2003, 36 sqq.

(<http://www.fluirperene.com>), que conjuga não apenas uma biblioteca *on-line* com os trabalhos que vão sendo publicados, como ainda um *blog*, que permitirá uma dinâmica muito mais activa de interacção com os cibernautas.

Depois do “Prefácio” e de uma breve “Introdução”, onde se reflecte sobre a natureza do mito, o A. abre uma secção do livro que conjugará algumas análises subordinadas ao tema geral da “Origem do mundo e dos deuses” (pp. 11-59). O primeiro a ser abordado é o “Mito pelágico” (pp. 11-15), onde Eurínome desempenha um papel fundamental, pois, conforme salienta o A. (p. 11), é “uma divindade feminina que, etimologicamente, significa “a que domina em grande extensão” (de *eury*s “extenso” e *nomos* “lei”, que se liga ao verbo *nemein* “governar”, “dominar”)). Embora breve, a análise evoca as linhas essenciais do mito, além de que salienta, de forma pertinente, as relações que a saga de Eurínome/Ofion estabelece com os mitos órficos da criação, bem como com a tradição do Ovo Universal. Esta primeira abordagem concatena-se naturalmente com o capítulo seguinte (“Mito homérico da origem do mundo”, pp. 17-35), centrado agora sobre o Oceano e Tétis (a titânide e não a nereide com o mesmo nome, em português, embora em grego a grafia seja distinta). De facto, o A. salienta que o mito homérico de criação (p. 27) “é, no fundo, outra versão do mito pelágico, já que, como Eurínome, Tétis reinava no mar e Oceano envolvia o Universo, como Ofion”. E outro tanto se pode afirmar quanto às cosmogonias órficas, que partilham o papel primordial dado, por exemplo, à Noite (e ao Ovo Universal já anteriormente referido), como se pode ver, por exemplo, na cosmogonia parodiada nas *Aves* de Aristófanes (vv. 693-702) ou então no Papiro de Derveni. É a esta questões e a paralelismos com mitos conhecidos do Próximo Oriente (retomados em especial na segunda e terceira partes do volume) que o A. dedica interessantes e úteis reflexões na parte final desta secção.

Dentro ainda desta primeira série de mitos, o A. aborda também o tema “O mito olímpico e mitos filosóficos da génese do mundo” (pp. 37-59), numa análise centrada em Homero e sobretudo em Hesíodo, dois autores que não podem deixar de ser ponderados em conjunto, em múltiplas matérias que vão desde a linguagem e estilo ao fundo arqueológico e social, mas em particular no que diz respeito às cosmogonias e teogonias helénicas, pois são os grandes responsáveis pela organização das linhas essenciais da mitologia grega. A estas figuras maiores da cultura grega, vem juntar-se também o contributo de Ovídio, cujas *Metamorfoses* constituem uma outra fonte determinante. Ao concluir esta primeira parte, o A. sublinha oportunamente o facto de que (p. 59), “se estivemos com atenção, demos conta de que, nestas lutas pelo domínio do Universo, entre forças mais primitivas e violentas e outras mais evoluídas e já dominadas pelo sentido de justiça, ainda se não falou do homem. Tudo se passa num plano superior, entre forças divinas, num plano cósmico, se assim se entender. O homem aparecerá mais tarde, modelado por Prometeu, filho de Jápeto – com autorização dos deuses, a cuja

origem e evolução acabámos de assistir”. A criação do homem surge, portanto, na sequência de um longo e atribulado processo que se traduzira na génese do mundo e dos deuses.

A humanidade completa, por conseguinte, o ciclo iniciado pelas cosmogonias e teogonias. E se bem que as relações que os homens estabelecem com as divindades nem sempre sejam pacíficas (a ponto de estas tentarem a sua destruição), os deuses ainda assim acabam por reconhecer que necessitam da raça humana – por mais imperfeita e contraditória que seja. É sobre estas questões que incide a segunda parte do volume, ao abordar o tema “Criação do homem – o Dilúvio” (pp. 61-98). Depois de uma breve “Introdução” (pp. 63-65), onde chama a atenção para o facto de a criação da humanidade derivar não da linha de Cronos, mas de um outro Titã (Jápeto) e da ninfa Clímene, o A. irá abordar um motivo central nesta problemática: “Prometeu e a humanidade” (pp. 67-82). São aqui evocados, com clareza e sentido de oportunidade, as linhas essenciais do mito: a visão de Prometeu como benfeitor (e mais tarde criador) da humanidade, o roubo do fogo, a criação de Pandora, o surgimento dos males no mundo e a tão debatida interpretação da natureza da esperança. Em termos metodológicos, o A. assume a opção – que marcara já os capítulos anteriores e é, de resto, a mais correcta – de ir sustentando as afirmações com o cotejo das fontes mais importantes, que neste caso são sobretudo Hesíodo (*Teogonia*, *Trabalhos e Dias*), Ésquilo (a propósito do *Prometeu Agrilhado*), bem como Apolodoro e Ovídio (*Metamorfoses*).

É significativo que a criação da humanidade dê, em seguida, origem a mitos que retratam a “Degradação e castigo dos homens”, assunto que ocupará a última parte deste segundo capítulo (pp. 83-98). A questão do declínio qualitativo da raça humana relaciona-se directamente com o tema do Dilúvio, sendo que, na tradição grega, há mais do que uma calamidade com essa natureza, como demonstram os dilúvios míticos gregos de Ogígia, de Atlântida e de Deucalião. O A. vai dar preferência aos dois últimos, por estarem ambos ligados à figura de Jápeto. Explora, assim, brevemente o mito de Atlântida, um vasto reino governado por Atlas e que, apesar de paradisíaco, acabaria destruído por um cataclismo enviado pelos deuses, em punição da crueza e agressividade dos seus habitantes. A análise mais longa vem dedicada, no entanto, ao chamado Dilúvio de Deucalião e Pirra (filhos de Prometeu e de Epimeteu, respectivamente), tendo por fio condutor as narrativas de Hesíodo e de Ovídio. Além das causas da degradação humana, que levam o A. a evocar o mito das quatro (ou cinco) idades ou crimes horrendos perpetrados pelos homens (como o recurso à antropofagia enquanto exemplo duplamente insolente de testar os deuses), a análise termina com a descrição das várias formas de procurar repovoar a terra – o que corresponde à aceitação implícita de que os deuses necessitam também da humanidade para verem reconhecido o seu poder.

A parte final do volume contempla uma evocação breve de “Mitos da criação em outros povos” (pp. 99-115), mas que permite, ainda assim, estabelecer

interessantes confrontos com outras culturas, pois, como o A. salienta logo na abertura (p. 99), o “mito do Dilúvio de Deucalião tem paralelos com narrativas da Ásia, da região da Mesopotâmia: com a narração bíblica de Noé, com as descrições que encontramos no *Gilgamesh* e no poema babilónico de *Atramhasis*”. Embora sem terem forçosamente uma origem idêntica, estes mitos ilustram ainda assim formas semelhantes como a humanidade foi interpretando a relação com os outros humanos, o Cosmos e os deuses.

O volume contempla, por fim, algumas referências bibliográficas, um apêndice com os textos que foram sendo discutidos ao longo da discussão e um quadro sinóptico da genealogia dos principais deuses gregos. Teriam sido úteis, igualmente, um índice onomástico e um índice de assuntos, para facilitar uma consulta rápida, se bem que a clareza e simplicidade da linguagem, bem como a extensão comedida do livro acabem por convidar antes a uma leitura integral do volume, cumprindo assim (e com óbvias vantagens) os objectivos didácticos que assistiram à sua *gênese* – para recorrermos a um termo que remete para o tema central da obra.

DELFIN FERREIRA LEÃO

GONZÁLEZ ROLÁN, Tomás, *EX CASTRO. Cartas desde la prisión papal de Sant’Angelo entre los humanistas de la Academia Romana y su Alcaide, Rodrigo Sánchez de Arévalo: Introducción, edición crítica, traducción y notas* (colab. J. M. Baños Baños e A. López Fonseca), Madrid, Ediciones Clásicas, 2008, 328 pp. ISBN: 84-7882-636-X

Um caso singular e possivelmente único na história das prisões deu-se quando em Roma, a partir de 28 de Fevereiro de 1468, por ordem do Papa Paulo II (1464-1471), os membros mais ilustres da Academia Romana foram acusados de conspiração política, contra o poder papal, e de levarem vida licenciosa e herética, sendo encarcerados na prisão do Castelo de Sant’Angelo, de que era Alcaide o bispo segoviano Rodrigo Sánchez de Arévalo (1404-1470).

Os humanistas no cativeiro escreveram ao Papa e aos cardeais de quem, curiosamente eram secretários, sem que se dignassem responder-lhes. Apenas Rodrigo Sánchez de Arévalo, Alcaide do castelo, além de os tratar o mais humanamente possível, estabeleceu com eles intensa e copiosa correspondência que, em boa parte, se conservou em vários manuscritos, que nesta obra se editam e traduzem pela primeira vez, no seu conjunto.

Estas as considerações que figuram no prólogo deste livro (p. 11) e servem de apresentação na contracapa. Mas esta obra é de um alcance muito mais vasto: nela se aprofundam as relações culturais de Espanha e Itália e se apuram as raízes e a especificidade do Humanismo espanhol.